

O CONHECIMENTO DE SI MESMO

Vamos conversar um pouco sobre as inquietudes do Espírito; antes de tudo necessita-se de compreensão criadora...

O fundamental na vida é chegar realmente a conhecer-se a si mesmo: de onde viemos, para onde vamos, qual é o objetivo da existência, por que vivemos? Etc. etc. etc. Certamente aquela frase que se pôs no frontispício do Templo de Delfos é axiomática: “Homo, Nosce Te Ipsum” (Homem, conhece-te a ti mesmo... e conhecerás o Universo e os Deuses).

Conhecer-se a si mesmo é o fundamental; todos creem conhecer-se a si mesmos, quando realmente não se conhecem. Assim, é necessário chegar ao pleno conhecimento de si mesmos; isto requer incessante auto-observação, necessitamos ver-nos tal qual somos.

Desafortunadamente as pessoas admitem facilmente que têm um corpo físico, mas custa trabalho que compreendam sua própria psicologia, que a aceitem de forma crua, real. O corpo físico, aceitam que o têm porque podem vê-lo, apalpá-lo, mas sua psicologia é um pouco distinta, um pouco diferente. Certamente, como não podem ver sua própria psique, como não podem tocá-la, apalpá-la, para eles é algo vago que não entendem.

Quando alguma pessoa começa a observar-se a si mesma, é sinal inequívoco de que tem intenções de mudar; quando alguém observa-se a si mesmo, quando se olha a si mesmo, está nos indicando que se está tornando diferente aos demais.

São dos distintos eventos da existência que nós podemos extrair o material psíquico necessário para o despertar da Consciência. Na relação com as pessoas, quer seja em casa, quer seja na rua, no campo, na escola, na fábrica, etc. os defeitos que levamos escondidos afloram espontaneamente. E se estamos alertas e vigilantes, como o vigia em época de guerra, então os vemos. Defeito descoberto, deve ser compreendido integralmente, em todos os níveis da mente. Se passamos, por exemplo, por uma cena de ira, teremos que compreender tudo o que aconteceu. Suponhamos que tivemos uma pequena briga; talvez chegamos a algum armazém, pedimos algo e o empregado nos trouxe outra coisa que nós não havíamos pedido. Então irritamo-nos ligeiramente... “Senhor, dizemos-lhe, se eu pedi esta coisa e você me traz esta outra, não se dá conta que estou apressado, que não posso perder tempo?” Eis aí uma pequena desavença, um pequeno desgosto. É óbvio que necessitamos compreender o que foi que aconteceu... Se chegamos em casa devemos de imediato concentrar-nos profundamente no fato acontecido, e se investigamos os motivos profundos que nos fizeram atuar desta maneira, desta forma de reclamar do empregado, do moço, porque não nos trouxe o que havíamos pedido, viremos a descobrir nossa própria autoimportância, quer dizer, vimos

a nos crer muito importantes. Obviamente houve em nós isso que se chama “presunção”, “orgulho”, “irritabilidade”. Eis ali a impaciência, eis ali vários defeitos: a impaciência é um defeito, a presunção é outro defeito; a autoimportância, sentir-nos muito importantes, é outro defeito; o orgulho, sentir-nos muito grandes e ver com desprezo ao moço que nos está servindo, eis ali outro defeito; todos esses defeitos fizeram comportar-nos de forma inarmônica. Desta maneira descobrimos vários Eus que devem ser trabalhados, compreendidos; terá que se estudar a fundo o que é o Eu da presunção, haverá que compreendê-lo totalmente, haverá de analisá-lo; haverá de se estudar a fundo o que é o Eu do orgulho; haverá que se estudar a fundo o que é o Eu da autoimportância; haverá de se estudar a fundo o que é o Eu da falta de paciência, o que é o Eu da ira. No grupo de Eus, cada um deve ser compreendido, analisado, estudado, em separado. Temos que aceitar que por trás desse pequeno e insignificante acontecimento, esconde-se um grupo de Eus, e que estes, naturalmente, estão ativos. Há que se estudá-los separadamente; dentro de cada um deles está engarrafada a Essência, quer dizer, a Consciência; então há que desintegrá-los, aniquilá-los, reduzi-los à poeira cósmica. Para desintegrá-los temos que nos concentrar na Divina Mãe Kundalini, suplicando-lhe, rogando-lhe que os reduza a poeira. Porém, primeiro há que se compreender o defeito (suponhamos a ira) e logo, depois de havê-lo compreendido, rogar à Divina Mãe que o elimine; o mesmo depois de compreender a impaciência, depois de compreender a autoimportância, etc., suplicá-la que elimine tal erro.

Por que nos cremos importantes, se nós não somos mais que míseros gusanos do lodo da terra? Em que baseamos nossa autoimportância? Pois realmente não há embasamento para nossa autoimportância, porque nada somos; cada um de nós não é mais que um vil gusano do lodo da terra. Que somos ante o infinito, ante a galáxia em que vivemos, ante esses milhões de mundos que povoam o espaço sem fim? Para que sentir-nos autoimportantes? Assim, analisando cada um de nossos defeitos, vamo-los compreendendo, e defeito que tenhamos compreendido, deve ser eliminado com a ajuda da Divina Mãe Kundalini. É óbvio que haverá de suplicar-lhe, haverá de rogar-lhe, que elimine o defeito que se tenha compreendido.

Em uma cena tomam parte vários eus; ponhamos outra cena, uma de ciúme, por exemplo. Inquestionavelmente, é grave que em uma cena de ciúmes entrem também vários eus. Se um homem encontra de repente sua mulher falando com outro homem de uma forma muito suave. O que isso lhe fará sentir? Sentirá ciúmes, possivelmente que sim. E criará uma briga com a mulher. É claro que se observarmos essa cena, veremos que ali houve ciúmes, ira, amor próprio, vários eus: o eu do amor próprio sentiu-se ferido, os ciúmes entraram em atividade, a ira também.

Qualquer cena, qualquer acontecimento, qualquer evento, deve servir-nos de base para o autodescobrimento; em qualquer evento, vimos a descobrir que temos dentro de nós mesmos vários eus; isso é óbvio. Por todos estes motivos, necessita que

nós estejamos alertas e vigilantes, como o vigia em época de guerra; é indispensável o estado de alerta percepção, de alerta novidade. Se não procedemos desta forma a consciência continuará metida dentro dos agregados psíquicos que carregamos em nosso interior e assim não despertaremos jamais.

Temos que compreender que estamos adormecidos; se as pessoas estivessem despertas, poderiam ver, tocar, apalpar as grandes realidades dos mundos superiores; se as pessoas estivessem despertas recordariam suas existências passadas; se as pessoas estivessem despertas veriam a Terra tal como realmente é. Vocês não estão vendo a Terra tal como é; as pessoas da Lemúria, sim, viam o mundo como é; sabiam que o mundo tem nove dimensões (ao todo, diríamos) e sete fundamentais. Viam o mundo de forma multidimensional; no fogo percebiam as salamandras ou criaturas do fogo; nas águas percebiam as criaturas aquáticas, as ondinas; no ar, eram claro para eles os silfos e dentro do elemento terra viam os gnomos. Quando levantavam os olhos para o infinito, poderiam perceber outras humanidades planetárias; os planetas do espaço eram visíveis para os antigos, de forma distinta, pois viam a aura dos planetas e também podiam perceber os Gênios Planetários. Mas quando a consciência humana ficou enfrascada dentro de todos esses eus ou agregados psíquicos que constituem o mim mesmo, o eu mesmo, o ego, então adormeceu; agora se processa em virtude de seu próprio condicionamento.

Nos tempos da Lemúria qualquer pessoa podia ver pelo menos a metade de um “Holtapannas”; um Holtapannas equivale a cinco milhões e meio de tonalidades de cor. Quando a consciência ficou metida dentro do ego, os sentidos degeneraram; na Atlântida já tão somente se podia perceber um terço das tonalidades da cor, e agora apenas são percebidas sete cores do espectro solar e umas poucas tonalidades. As pessoas da Lemúria eram diferentes; para elas as montanhas tinham alta vida espiritual; os rios para eles eram o corpo dos deuses; a Terra inteira era perceptível para eles de forma diferente; eram outro tipo de pessoas, diferentes, distintas. Agora a humanidade, desgraçadamente, involuiu espantosamente; por estes tempos a humanidade está em um estado de caducidade e se não nos preocupamos por autodescobrir-nos, por conhecer melhor, continuaremos com a consciência adormecida, metida dentro de todos os eus que levamos em nosso interior.

Os psicólogos normalmente creem que temos um só eu, e nada mais. Na Gnose pensa-se diferente; na Gnose sabemos que a ira é um eu, que a cobiça é outro eu, que a luxúria é outro eu, que a inveja é outro eu, que o orgulho é outro eu, que a gula é outro eu, etc., etc., etc. Virgílio, o poeta de Mântua, o autor da “Eneida”, dizia que “ainda que tivéssemos mil línguas para falar e paladar de aço, não conseguiríamos enumerá-los cabalmente” (são tantos!) E onde vamos descobri-los? Somente no terreno da vida prática faz-se possível o autodescobrimento. Qualquer cena de rua é suficiente para saber quantos eus entrarão em atividade. Qualquer um que entre em ação há necessidade

de trabalhá-lo, a fim de compreendê-lo e desintegrá-lo; só por este caminho faz-se possível liberar a consciência; só por este caminho é possível o despertar.

A nós deve interessar, primeiro que tudo, o despertar, porque enquanto continuemos assim como estamos, adormecidos, que podemos saber dos Mistérios da Vida e da Morte? Que podemos saber do real, da verdade? Para se poder chegar ao fundo dos mistérios da vida e da morte, necessita-se indispensavelmente despertar. É possível despertar caso se proponha a isso; mas não é possível despertar se a consciência continua engarrafada entre todos esses eus.

Vivemos dentro de um mecanismo bastante complicado; a vida tornou-se profundamente mecanicista em cem por cento; a Lei de Recorrência existe, tudo se repete... A vida poderíamos compará-la com uma roda que está girando incessantemente sobre si mesma: passam os acontecimentos uma e outra vez, sempre repetindo-se; na realidade, de verdade, nunca há uma solução final para os problemas, cada um carrega seus problemas, mas a solução final, na realidade, de verdade, não existe, e se houvesse uma solução final para os problemas que se tem na vida, isto significaria que a vida não seria vida, senão morte. Assim, pois, a solução final não se conhece.

Gira a roda da vida, sempre passam os mesmos acontecimentos, repetindo-se de forma mais ou menos modificada, mais ou menos alta ou baixa, mas repetindo-se. Chegar à solução final, impedir que a repetição de eventos ou circunstâncias prossiga, é algo mais que impossível. Então o único que nós temos que aprender é saber como vamos reagir frente às diversas circunstâncias da vida. Se reagimos sempre da mesma forma, se sempre reagimos com violência, se sempre reagimos com luxúria, se sempre reagimos com cobiça frente aos diversos fatos que se repetem uma e outra vez, em cada existência, pois não mudaremos nunca, porque os acontecimentos que vocês estão vivendo atualmente, já os viveram na existência passada. Isto significa que, por exemplo, se agora vocês estão sentados, escutando-me (não seria aqui mesmo nesta casa, mas sim em qualquer outro lugar da cidade), também estiveram sentados, escutando-me, na existência passada, e eu estive lhes falando; quer dizer, esta roda da vida sempre está girando, e os acontecimentos que vão passando são sempre os mesmos. Assim, pois, é impossível impedir que os acontecimentos deixem de se repetir; o único que podemos fazer é mudar nossa atitude para os acontecimentos da vida. Se nós aprendemos a não reagir ante qualquer impacto proveniente do mundo exterior, se aprendemos a ser serenos, aprazíveis, então poderemos evitar que os acontecimentos produzam os mesmos resultados em nós.

A fim de que compreendam melhor minhas palavras, vamos relatar um acontecimento que citei em meu livro intitulado “O Mistério do Áureo Florescer”. Sobre aquela existência na qual me chamei Juan Conrado, Terceiro Grande Senhor da Província de Granada, na antiga Espanha da época da inquisição, quando o inquisidor Torquemada causava desastres em toda Europa, e queimava as pessoas vivas na

fogueira. Certamente eu já havia chegado a ele com o propósito de pedir uma admoestação cristã para alguém; tratava-se de um conde que me molestava constantemente com suas palavras, que fazia mofa de mim, etc. Naquela época eu andava bem vivo, mas eu queria evitar um novo duelo, não por temos, mas porque já estava cansado de tantos duelos, pois tinha fama de ser um grande espadachim. Cheguei muito cedo às portas do palácio da inquisição; um frade, um “monge azul” que estava à porta, disse-me: “Que milagre ver você por aqui, senhor marquês”. “Muito obrigado, sua reverência”, disse-lhe; “Venho solicitar uma audiência com o senhor inquisidor, monsenhor Tomás de Torquemada”. “Impossível, disse. Hoje há muitas audiências; no entanto, vou tratar de conseguir para você a audiência”. “Muito obrigado, sua reverência”, disse-lhe, por estar adaptado a todos os convencionalismos daquela época (na realidade, de verdade, tinha-se que se adaptar, porque do contrário a coisa se tornava grave). Em todo caso o “monge azul” desapareceu como por encanto; eu aguardei pacientemente que regressasse. Ao fim regressou; já de regresso, disse-me: “Está concedida a audiência para você, senhor marquês, pode passar”. Passei, atravessei um pátio e um grande salão que estava às escuras; passei outro salão que estava também em profunda escuridão, e por último a um terceiro salão que estava iluminado por uma lâmpada; a lâmpada achava-se sobre uma mesa e ante a mesa estava sentado o inquisidor, Don Tomás de Torquemada... Nada menos que o inquisidor! Um ser, pois, cruel. Sobre seu peito levava uma grande cruz; encontrava-se em um estado aparentemente beatífico, com as mãos postas sobre o peito. Ao vê-lo, eu não disse outra coisa que saudá-lo com todas as reverências da época. Disse-me: “Você sente-se, senhor marquês. Que lhe traz aqui?” Então lhe disse: “Venho solicitar uma admoestação cristã para o conde dom fulano de tal e tal e tal (com cinquenta mil nomes e sobrenomes), que lança suas sátiras contra mim, mofa, burla, e eu não tenho vontade de outro duelo mais; quero evitar um novo duelo”... “Oh, você não se preocupe, senhor marquês”, me respondeu. “Já temos muitas queixas contra esse condezinho aqui na casa inquisitorial; vamos fazê-lo aprender, levaremos-lo à torre do martírio, enfiaremos os pés em carvões acesos, para queimá-lo bem os pés, para que sofra; levantaremos-lo as unhas das mãos, colocaremos chumbo derretido nas unhas, torturaremos-lo, e depois o levaremos à praça pública e queimaremos-lo vivo”...

Bem, eu não havia pensado ir tão longe; unicamente ia pedir uma admoestação cristã. Claro, fiquei perplexo ao escutar Torquemada falando dessa forma, com as mãos postas sobre o peito, em uma atitude beatífica.

Aquilo causou-me horror; não pude menos que manifestar meu descontentamento, e disse-lhe: “Você é um perverso; eu não vim pedir-lhe que queime vivo ninguém, nem que você venha a torturar ninguém; unicamente vim pedir-lhe uma admoestação cristã, e isso é tudo; agora você se dará conta por que não estou de acordo com sua seita!” Enfim, pronunciei outras tantas palavras, lancei alguns tantos gritos que por agora reservo-me, em uma linguagem um pouquinho altissonante, motivo mais que

suficiente para que aquele alto dignitário da inquisição dissesse-me: “Não esperava isso, Senhor marquês?” Fez soar uma campainha e apareceram alguns cavalheiros, armados até os dentes. Levantou-se triunfante e ordenou àqueles cavalheiros, dizendo: “Prendei esse homem!”... “Um momento, cavalheiros (disse-lhes); recordai as regras da cavalaria!”. (Naquela época as regras da cavalaria eram respeitabilíssimas para todo o mundo). “Dai-me uma espada e bater-me-ei com cada um de vós!” Um cavaleiro entregou-me a espada (eu recebi-a); logo dá um passo para trás e me diz: “Em guarda!” Respondi-lhe: “Sempre estou!” E travamos duro combate. Não se ouviam senão os golpes das espadas; parecia que essas espadas, ao golpear uma contra a outra, lançavam chispas. Aquele cavaleiro era muito hábil na esgrima, pois manejava as armas maravilhosamente, mas eu tampouco era uma mansa ovelha; claro está que não! No geral, o duelo foi de muita valentia; só me faltava usar de minha melhor estocada para sair vitorioso, mas os outros cavalheiros que estavam vendo a cena deram-se conta que seu companheiro “ia direito ao panteão”, e, claro, arremessaram-se contra mim em bando, atacaram-me com uma fúria terrível, e eram muitos. Defendi-me como pude, saltava sobre as mesas, utilizava os móveis como escudo; enfim, fiz maravilhas para tratar de sobreviver, para defender-me, mas chegou um momento em que o braço direito cansou, já não podia com o peso da espada, e disse: “Vocês ganharam por surpresa, porque se lançaram em bando, isso não é coisa de cavalheiros; se quereis a espada, aqui está”... Então o senhor inquisidor ordenou: “À fogueira!” E, enfim, não foi difícil queimar-me vivo. Ali tinham um pouco de lenha, ao pé de um poste de aço; acorrentaram-me àquele poste, acenderam fogo à lenha, e aos poucos segundos estava já ali, ardendo, como tocha acesa. Senti uma grande dor, via como meu corpo físico queimava-se, até tudo ficar reduzido a cinzas; senti que aquela dor suprema convertia-se em felicidade; entendi que mais além da dor, muito mais além da dor, existe a felicidade. A dor humana, por muito grave que seja, tem um limite; uma chuva benfazeja começou a cair sobre minha cabeça; senti que me aliviava, dei um passo e vi que podia dar outro; por fim, saí daquele palácio caminhando devagar, devagar, e aconteceu que já estava desencarnado; meu corpo físico pereceu na fogueira da inquisição.

Hoje, por exemplo, ao se repetir um evento desses em minha vida, estou seguro que já não iria a uma fogueira, nem ao paredão, nem a algo parecido, ou pelo estilo. Porque ao já não possuir esses eus da ira, da impaciência, escutaria o inquisidor serenamente, impassivelmente; compreenderia o estado em que ele se encontra, guardaria um silêncio total, nenhuma reação sairia de mim. Como resultado, não aconteceria nada, isso está claro; poderia sair tranquilo, sem problemas. De maneira que os problemas, em realidade e de verdade, quem os causa é o ego. Se naquela ocasião eu não tivesse reagido dessa forma contra o “Santo Ofício” (como assim se chamava), contra a inquisição, contra o “monge azul”, etc., etc., etc., pois é óbvio que não haveria desencarnado dessa forma. Isto não significa covardia, mas que, simplesmente, haveria

permanecido sereno, impassível; logo haveria dado as costas e haver-me-ia retirado sem problemas. Desgraçadamente tinha um ego muito desenvolvido, e esses são os problemas que o ego causa. Quando não se tem ego, esses problemas não acontecem; pode ser que a circunstância se repita, mas já não ocorre de forma igual, e não surgem esses problemas.

A crua realidade dos fatos é que os eventos podem estar se repetindo, mas o que nós temos que fazer é modificar nossa atitude para os eventos; se nossa atitude é negativa, criaremos gravíssimos problemas; isso é óbvio. Necessitamos mudar nossa atitude para a existência, mas não se pode mudar sua atitude perante a vida, se não se elimina aqueles elementos prejudiciais que leva na psique. A ira, por exemplo, quantos problemas traz a gente? A luxúria, quantos problemas traz a gente? Os ciúmes, quão nefastos são? A inveja, quantos inconvenientes proporcionam a gente? A gente tem que mudar nossa atitude frente às distintas circunstâncias da vida: estas se repetem com a gente ou sem a gente, mas se repetem; o importante é que a gente mude a atitude para as distintas circunstâncias da vida; quer dizer, necessitamos autoconhecer-nos profundamente: se autoconhecemo-nos, descobrimos nossos erros, e se os descobrimos, eliminamo-los, despertamos, e se despertamos, vimos a conhecer os mistérios da vida e da morte; vimos a experimentar isso que não é do tempo, Isso que é a verdade. Porém, enquanto continuemos com a consciência engarrafada dentro do ego, dentro do eu ou dentro dos eus, obviamente não saberemos nada dos mistérios da vida e da morte, não poderemos assim experimentar o real, viveremos na ignorância. Faz-se urgente e inadiável cumprir com a máxima de Tales de Mileto: “Nosce te Ipsum” (conhece-te a ti mesmo). Todas as leis da natureza estão dentro de si mesmo; se a gente não as descobre dentro de si mesmo, tampouco se pode descobri-las fora de si mesmo. Assim, pois, dentro de si está o universo (“o homem está contido no universo e o universo está contido no homem”); se não descobrimos o universo dentro de nós mesmos, não o poderemos descobrir fora de nós mesmos; isso é óbvio. Existem em nós possibilidades extraordinárias, mas antes de tudo devemos partir do princípio “Nosce te Ipsum”...

A falsa personalidade, por exemplo, é óbice para a verdadeira felicidade; todo ser humano tem uma falsa personalidade que está formada pela presunção, pela vaidade, pelo orgulho, pelo temor, pelo egoísmo, pela ira, pela autoimportância, pelo autossentimentalismo, etc. A falsa personalidade é verdadeiramente problemática, porque está dominada por esse tipo de eus que enumerei; enquanto se possui a falsa personalidade, de modo algum poderá conhecer a real felicidade. Como a conhecerá? Se a gente quer ser feliz, e todos temos direito à felicidade, tem que começar por eliminar a falsa personalidade; mas para eliminar a falsa personalidade, tem que se eliminar os eus que a caracterizam, os que enumerei. Eliminados esses eus, então tudo muda: cria-se em nossa consciência um centro de gravidade contínuo, e advém um estado de felicidade extraordinária. Devemos ter em conta tudo isso, se é que realmente anelamos ser felizes algum dia.

Inquestionavelmente o mais importante na vida prática vem a ser, precisamente, cristalizar na personalidade humana isso que se chama “Alma”. O que é que se entende por Alma? Todo esse conjunto de poderes, forças, virtudes, faculdades, etc. do Ser. Se a gente elimina, por exemplo, o defeito ou o eu da ira, em substituição cristalizará, em nossa pessoa humana, a virtude da serenidade; se a gente elimina o defeito do egoísmo, em substituição, em nossa pessoa humana, cristaliza a virtude maravilhosa do altruísmo; se a gente elimina o defeito da luxúria, em substituição cristaliza, em nossa pessoa, a virtude extraordinária da castidade; se a gente elimina de sua natureza íntima o ódio, em substituição cristalizará em nossa personalidade o amor; Se a gente elimina o defeito da inveja, em substituição cristalizará, na personalidade humana, a alegria pelo bem alheio, a filantropia, etc. Assim, é necessário compreender que há de eliminar os elementos indesejáveis de nossa psique, para cristalizar em nossa pessoa humana isso que se chama Alma: um conjunto de forças, de atributos, de virtudes, de poderes anímicos, etc. No entanto, eu tenho que dizer que nem tudo é intelecto. Inquestionavelmente, devemos passar por grandes crises emocionais, se é que nós queremos cristalizar Alma em nós mesmos. Se “a água não ferve a cem graus”, não cristaliza o que tem de cristalizar e não se elimina o que se deve eliminar; assim também, se não passamos previamente por graves crises emocionais, não cristalizará em nós isso que se chama Alma, não se eliminará isso que se deve eliminar. Assim tem sido sempre; quando a Alma cristaliza completamente em si mesmo, até o corpo físico se converte em Alma.

Jesus de Nazaré, o Grande Kabir, falou claro sobre isto e disse: “em paciência possuireis vossas Almas”. As pessoas não possuem sua Alma, a Alma os possui; a Alma de cada pessoa sofre carregando um fardo esmagador: a personalidade. Possuir Alma é algo muito distinto, mas escrito está que “em paciência possuireis vossas Almas”.

Há eus muito difíceis de eliminar, defeitos terríveis, eus que estão relacionados com a lei do carma; quando se chega a isso, é como se nos detivéssemos no avanço, e obviamente que sim, nos detemos. Mas com infinita paciência, ao fim se consegue a eliminação desses eus. A paciência e a serenidade são faculdades extraordinárias ou virtudes magníficas, necessárias para avançar por este caminho da transformação radical. Em meu livro “As Três Montanhas” falo precisamente da paciência e da serenidade.

Um dia, estando em um monastério, um grupo de irmãos aguardávamos impacientemente o abade, hierofante; mas este tardava, passavam as horas e este tardava, todos estavam preocupados. Havia ali alguns mestres, muitíssimo respeitáveis, mas cheios de impaciência. Passeavam pelo salão, iam e vinham, puxavam o cabelo, puxavam a barba, impacientes; eu permanecia sereno, tranquilo, pacientemente aguardava; unicamente estes irmãozinhos impacientes causavam-me curiosidade. Por fim, depois de várias horas apresentou-se o Mestre, e dirigindo-se a todos, disse-lhes: “a vocês faltam duas virtudes que este irmão tem”, e me apontou. Logo, dirigindo-se a

mim, disse: “diga-lhe, irmão, quais são estas virtudes”. Então eu me pus de pé e disse: “há que saber ser pacientes, há que saber ser serenos”... Todos ficaram perplexos; em seguida o Mestre trouxe uma laranja, que é símbolo de esperança, e me entregou, aprovando-me. Fiquei aprovado para entrar na segunda montanha, que é a da Ressurreição; os outros, os impacientes, tiveram o adiamento. Fui chamado depois em outro monastério para assinar alguns papéis que tinha que assinar, e assim o fiz; mais tarde concorri a esse monastério, assinei os papéis e me entregaram certas instruções esotéricas; fui admitido nos estudos da Segunda Montanha, e aqueles companheiros a estas horas, ainda estão lutando por alcançar a paciência e a serenidade, pois não a têm.

Vejam vocês o importante que é ser paciente e ser sereno. Assim, quando alguém está trabalhando na dissolução do eu, e por nada na vida consegue dissolvê-lo, porque tornou-se muito difícil (pois há eus assim, que se relacionam com o carma), não resta mais remédio que multiplicar a paciência e a serenidade, até triunfar. Mas muitos são impacientes, querem eliminar tal ou qual eu de imediato, sem pagar o preço correspondente, e isso é absurdo. No trabalho sobre si mesmo é necessário multiplicar a paciência até o infinito, e a serenidade até o cúmulo dos cúmulos; quem não sabe ter paciência, quem não sabe ser sereno, fracassa no caminho esotérico.

Observem-se vocês na vida prática: são pacientes, sabem permanecer serenos no momento preciso? Se não têm essas duas virtudes, pois há que trabalhar para conseguilas. Como? Eliminando os eus da impaciência e eliminando os eus da falta de serenidade (a irritação, os eus da irritação, são os que não permitem a serenidade).

O que é que nós buscamos ao longo de tudo isto? Mudar, mas mudar totalmente, porque assim como estamos, inquestionavelmente, o único que fazemos é sofrer, amargando-nos a vida. Qualquer um também pode fazer-nos sofrer, basta que nos toquem uma fibra do coração para que já estejamos sofrendo. Se nos dizem uma palavra dura, sofremos; se nos dão umas palmadinhas no ombro e nos dizem umas palavras doces, alegramo-nos; assim somos débeis: não temos poder sobre nossos processos psicológicos, qualquer um pode manejar nossa psique. Vocês querem ver uma pessoa irritada? Digam-lhe uma palavra dura e a verá irritada, e se querem vê-la contente, deem-lhe uma palmadinha no ombro, digam-lhe umas palavras doces e já mudará, já estará contente. Que fácil é qualquer um brincar com a psique dos demais; que débeis são estas criaturas!

Trata-se, pois, de mudar, de que tudo isto que nós temos de débeis seja eliminado; até nossa própria identidade pessoal deve-se perder para nós mesmos. Isto quer dizer que a mudança deve ser tão radical que até nossa própria identidade pessoal (eu sou fulano de tal, etc.) deve-se perder para si mesmo; chegará o dia em que não encontraremos nossa própria identidade pessoal. Como trata-se de converter-nos em algo distinto, em algo diferente, obviamente até a própria identidade pessoal deve-se perder.

Necessitamos converter-nos em criaturas distintas, em criaturas felizes, em seres ditos, pois temos direito à felicidade; porém, se não nos esforçamos, como vamos mudar, de que maneira? Eis aí o grave!

O mais importante é não se identificar com as circunstâncias da existência. A vida é como um filme, e de fato é um filme que tem um princípio e tem um fim. Distintas cenas vão se passando pela tela da mente, e o nosso erro mais grave consiste em identificar-nos com essas cenas. Por quê? Porque passam, simplesmente porque passam; são cenas de um grande filme, e, ao fim, passam... Felizmente no caminho de minha vida aceitei sempre isso como lema: não identificar-se com as diferentes circunstâncias da vida. Vêm-me à memória, digamos, casos da infância. Como meus pais terrenos haviam se divorciado, tocava-nos a nós, irmãos de uma grande família, sofrer. Havíamos ficado com o chefe da família e era proibido visitar nossa mãe terrena; no entanto, nós não éramos tão ingratos para poder esquecê-la. Escapava-me sempre de minha casa com um irmãozinho menor que me seguia; íamos visitá-la e logo regressávamos a casa; mas meu irmãozinho sofria muito, pois, ao retornar, cansava-se porque era muito pequeno, e eu tinha que levá-lo então nas costas (que tão pequeno estaria!). E ele chorava amargamente e dizia: “Agora, ao regressar a casa, papai vai nos bater, vai nos bater de chicotes e de paus”. Eu respondia-lhe dizendo: “Tudo passa, lembra-te que tudo passa”... Quando chegávamos a casa, certamente nosso pai terreno aguardava-nos, cheio de grande ira, e nos batia de chicotes. Posteriormente internávamos em nosso quarto a dormir; porém, já ao nos deitar dizia a meu irmãozinho: “Você viu? Já passou; convenceu-se de que tudo isso já passou?” Um dia desses tanto nosso pai conseguiu ouvir quando eu dizia a meu irmãozinho: “Tudo passa, isso já passou”. E, claro, meu pai que era bastante iracundo, empunhou de novo o chicote terrível que trazia e entrou no nosso quarto dizendo: “O que tudo passa, sem-vergonha?”. E logo nos deu outra surra mais terrível, retirando-se depois, ao parecer mais tranquilo por nos haver açoitado. Logo que ele se retirou, um pouco mais baixinho disse ao meu irmãozinho: “Você viu? Isso também já passou”... Quer dizer, nunca me identificava com essas cenas; tomei como lema na vida jamais identificar-me com as circunstâncias, com os eventos, com os acontecimentos, pois sei que esses acontecimentos, que essas cenas vão passando. Tanto que a gente se preocupa porque tem um problemão, que não sabe como resolver, e depois já passa, e vem outra cena completamente distinta; então, para que se preocupar? Se tinha que passar, com que objetivo se preocupou?

Quando alguém se identifica com os distintos eventos da vida, comete muitos erros. Se alguém se identifica com um copo de licor que um grupo de amigos embriagados estão lhe oferecendo, pois termina bêbado; se alguém se identifica com uma pessoa do sexo oposto em um dado momento, termina fornicando, e se alguém se identifica com um insultador que o está ferindo com suas palavras, termina também insultando... Parece tão sensato a vocês que nós, que somos pessoas aparentemente sérias, resultássemos insultando? Vocês acreditam que isto estaria bem? Se alguém se

identifica com uma cena, por exemplo, de sentimentalismo chorão, onde todos estão chorando amargamente, pois termina também com suas “boas lagriminhas”. Vocês acreditam que isso estaria correto, que outros nos ponham a chorar assim, porque “lhe deu vontade”? Isto que estou lhes dizendo é indispensável, se é que vocês querem autodescobrir-se; é indispensável porque, se alguém se identifica completamente com uma cena, quer dizer que se esqueceu de si mesmo, esqueceu-se do trabalho que está fazendo, e então está perdendo o tempo miseravelmente. As pessoas esquecem-se completamente de si mesmas, esquecem-se de seu próprio Ser Interior profundo: por isso identificam-se com as circunstâncias. Normalmente as pessoas andam adormecidas por isso: porque estão identificadas com as circunstâncias que as rodeiam, e cada um tem sua cançãozinha psicológica, como disse ali em meu livro “Psicologia Revolucionária”. De repente alguém se encontra com outro que lhe diz: “Eu, na vida, tive que fazer isto e isto e isto; roubaram-me, fui um homem rico, tive dinheiro e me enganaram; um fulano de tal foi o malvado que me enganou” (Enfim, canta sua canção psicológica). Dez anos mais tarde encontra esse mesmo sujeito, que volta a lhe cantar a mesma canção; vinte anos depois, encontra-o novamente e torna a cantar-lhe sua mesma canção; essa é sua canção psicológica; ficou identificado com esse evento para o resto de sua vida. E nestas circunstâncias, como alguém vai dissolver o ego, de que maneira, se o está fortificando? Ao identificar-se assim, fortifica-o, fortifica aos eus. Se alguém se identifica com uma briga, termina também dando socos. Vem-me à memória o caso de um boxeador, de um campeão lutando contra outro nos Estados Unidos; ao fim todos os espectadores terminaram trocando golpes uns contra os outros, perfeitamente loucos; todos trocando socos, uns contra todos, todos terminaram como boxeadores.

Observem vocês o que é a identificação. De repente vi uma dama, assistindo a um filme onde os atores choram. Bem, choram fingindo, está claro, mas aquela dama que está contemplando o filme termina chorando também, com uma angústia espantosa. Vejam vocês o que é a identificação: que fez essa pobre mulher? Que se identificou com esse filme? Criou dentro de si mesma esse novo eu que lhe roubou parte de sua Consciência; de maneira que essa pessoa, se estava adormecida, agora segue mais adormecida. Por quê? Pela identificação, isso é óbvio.

Vem-me à memória, nestes momentos, um caso insólito. Em certa ocasião ocorreu-me de ir a um cinema, faz muitíssimos anos. O filme era muito romântico; ali aparecia um casal de namorados que se queriam e se adoravam. Bem, e eu muito interessado em ver o par de namorados: essas poses, essas palavras; que olhares, que coisas, e eu encantado olhando-os... Ao fim terminou o tal filme e muito tranquilo fui para casa. Já estando em casa, senti sono; deitei-me e então essa noite fui dar no Mundo da Mente; ali encontrei uma mulher como aquela que eu havia admirado no filme; estava “até bonitinha”, estava tal mulher frente a mim. Sentei-me com ela em uma mesa para tomar alguns refrigerantes, e então vieram as doces palavras, muito semelhantes às do filme por certo. Conclusão: não cheguei até a cópula química nem nada pelo estilo,

mas não faltaram os beijos, os abraços, as carícias, as ternuras e cinquenta mil coisas assim. Estou lhes narrando uma história sucedida há vinte anos; não é de agora, porque agora não vou aos cinemas, mas naquela época, sim, ia a algum cinema; parecia-me que era uma diversão muito saudável (assim eu acreditava). Já ao chegar ao Mundo Astral, encontrei-me dentro de um grande Templo, e pude verificar que um Mestre havia estado me analisando; claro, em meu interior; disse a mim mesmo: “fiz besteira!” Afastei-me alguns passos, para aguardar ou ver o que acontecia, e de repente aquele Mestre envia-me um papel pelo guardião do templo. O Guardião me entregou o papel; li o papel que dizia: “Você retire-se imediatamente deste templo, mas com INRI” (com “INRI” significa conservando o fogo, uma vez que não havia propriamente fornicado, não passara de ternuras). Enfim, então eu disse: “Não tem jeito, isso é muito sério”... Saí muito devagar, avancei pelo corredor da nave central, e antes de sair fora do templo, no genuflexório ajoelhei-me humildemente, pedindo compaixão, pedindo que tivessem um pouquinho de piedade com minha insignificante pessoa, que tinha estado “fazendo besteira”. Assim eu estava, em minhas rezas e orações, quando de repente vem o guardião novamente a mim e me diz, já de maneira mais terrível: “Foi ordenado a você que se retire!”. Quando lhe disse que eu queria falar com o Mestre para expô-lo minhas razões, então me respondeu: “O Mestre agora está ocupado; está examinando outras efígies do mundo mental”... Ali foi quando vim a dar-me conta com o que eu havia estado, era uma efígie mental criada por mim mesmo, eu a tinha criado no cinema: essa efígie havia tomado vida própria no mundo mental, era uma mulher exatamente igual à atriz que havia visto no filme. Em suma, em minha pobre mente havia-a reproduzido, e agora no mundo da mente tinha me encontrado cara a cara com a tal efígie criada por mim mesmo... O Mestre continuava examinando outras efígies de outros iniciados; não me restou mais remédio que sair do templo. Voltei a meu corpo físico; durante todo o dia seguinte estive muito triste, lamentando haver ido ao cinema. “Que besteira, disse; não devia ter ido! Vejam onde fui parar: a criar uma efígie mental!” Pedi perdão cinquenta milhões de vezes ao Cristo, ao Cristo Íntimo; porque disse: “Ele é o único que poderá perdoar-me, esta grande besteira”. Na noite seguinte pedi de todo coração que “me repetissem a prova, que me sentia capaz de sair vitorioso; nem mais ternuras nem mais carícias para essa efígie mental, etc.”. E certamente concederam-me a repetição da prova; levaram-me em corpo mental ao mesmo lugar, à mesma mesa; voltei a encontrá-la outra vez com a dama dos sonhos, a atriz que havia visto na tela. Já iam começar as ternuras novamente, e me lembrei da questão. Imediatamente desembainhei a espada flamígera e disse: “Comigo tu não podes; tu não és mais que uma forma mental criada por minha própria mente!”. E ali mesmo fiz uso da espada flamígera e tornei em pedaços essa efígie mental, tornei-a pó... Passado isso, então fui novamente chamado ao templo astral, e entrei no templo astral, desta vez vitorioso, triunfante; receberam-me com muita música, muita festa; novamente, depois, vieram as instruções, dizendo-me “que não voltasse aos cinemas, porque podia perder a espada”... Levaram-me, em astral, mostrando-me o que são os cinemas, que estão cheios de efígies mentais,

as efígies que os espectadores deixam. Tudo o que se está vendo ali, na tela, sobretudo quando é morboso, reproduz-se na mente das pessoas: as mesmas figuras, as mesmas formas; os que saem deixam multidões de formas mentais nestes antros de magia negra. Conclusão: foi-me dito que “em vez de estar indo aos cinemas, que repassasse minhas existências anteriores, que é mais útil que estar indo a esses cinemas”... Eu cumpri a ordem, e é claro que deixei de ir aos cinemas. Porém, que foi o que me prejudicou? Pois haver me identifica com aquele filme que estava passando; pareceu-me tão bonita aquela dama, naquela época, que eu mesmo cheguei a sentir-me um galã, não o da tela, mas eu. Resultado: fracasso... Isto aconteceu há vinte anos, ou acho vinte e dois, mas não me esqueci.

Nunca se deve identificar-se com nada do que se veja na vida; as circunstâncias, os eventos desagradáveis, passam, tudo passa. As circunstâncias devem ser aproveitadas para estudar-se, para observar-se a si mesmo; em vez de estar identificados com as circunstâncias desagradáveis, deve-se estar estudando a si mesmo: tenho ira, tenho ciúmes, tenho ódio? Que estou sentindo neste momento frente a isso que me está acontecendo? Assim é como se aproveita o eu, sabendo não se identificar, sabendo-se tirar partido de tudo; vocês não se esqueçam que as piores adversidades lhe oferecem as melhores oportunidades para o autodescobrimento.

Quando a gente identifica-se com as circunstâncias desagradáveis comete erros, complica a vida e se criam problemas. Todas as pessoas estão cheias de problemas porque se identificam com o que lhes acontece, com o que lhes está acontecendo, com o que estão vivendo; por isso é que estão, todos, cheios de problemas. Porém, se não se identifica com nada do que lhe está acontecendo, se diz “tudo passa, tudo passa, esta é uma cena que passa” e não se identifica com ela, pois tampouco a vida se complica. Mas encanta às pessoas complicar a vida; se alguém os fere com uma palavra dura, reagem com violência. A todos gosta complicar a existência, e enquanto se reaja com violência, pois pior, porque mais dura a questão se apresenta, tudo se torna mais trabalhoso. Aproveitemos as circunstâncias desagradáveis da vida para o autodescobrimento; assim saberemos que tipo de defeitos psicológicos possuímos. Tomemos a vida como um ginásio psicológico; se procedemos assim, então poderemos autodescobrir-nos. Até aqui minhas palavras esta noite.